

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO**  
Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL)  
Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

## **MODULO V**

# **MODELOS DE ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA: SINTETISMO**

### **Curso 12: A Síntese Anarquista e o “Sintetismo”**

- Volin. “A Síntese Anarquista”.
- Sebastien Faure. “A Síntese Anarquista”.
- Dielo Truda. “O Problema Organizacional e a Idéia de Síntese”.

## **CURSO 12**

# **A SÍNTESE ANARQUISTA E O “SINTETISMO”**

# A SÍNTESE ANARQUISTA

## Volin

Designamos por *síntese anarquista* uma tendência hoje presente no seio do movimento libertário, buscando reconciliar e, em seguida, *sintetizar* as diferentes correntes de idéias que dividem esse movimento em várias frações mais ou menos hostis umas às outras. Trata-se, no fundo, de unificar, em certa medida, a teoria e também o movimento anarquista, num conjunto harmonioso, ordenado, acabado. Digo “em certa medida” pois, naturalmente, a concepção anarquista não poderia, nunca deveria tornar-se rígida, imutável, estagnante. Ela deve permanecer flexível, viva, rica de idéias e de tendências variadas. Todavia, *flexibilidade* não deve significar *confusão*. E, por outro lado, entre *imobilismo* e *hesitação*, existe um estado intermediário. É precisamente esse estado intermediário que a *síntese anarquista* busca precisar, fixar e alcançar.

Foi sobretudo na Rússia, quando da revolução de 1917, que a necessidade de tal unificação, de tal *síntese*, fez-se sentir. Já muito fraco materialmente (poucos militantes, meios precários de propaganda etc.) em relação a outras correntes políticas e sociais, o anarquismo viu-se enfraquecido ainda mais, quando da Revolução Russa, em consequência das querelas intestinas que o despedaçavam. Os anarco-sindicalistas não queriam entender-se com os anarco-comunistas e, ao mesmo tempo, uns e outros disputavam com os individualistas (sem falar de outras tendências). Esse estado de coisas impressionou dolorosamente vários camaradas de diversas tendências. Perseguidos e enfim expulsos da grande Rússia pelo governo bolchevique, alguns desses camaradas foram militar na Ucrânia, onde a ambiência política era mais favorável, e onde, em acordo com alguns camaradas ucranianos, decidiram criar um movimento anarquista *unificado*, recrutando militantes sérios e ativos em todas as partes onde eles se encontravam, *sem distinção de tendência*. O movimento adquiriu de imediato uma amplitude e um vigor excepcionais. Para erguer-se e impor-se em definitivo, só lhe faltava uma coisa: uma certa base teórica.

Sabedores de que eu era um adversário resolutivo das querelas nefastas entre as diversas correntes do anarquismo, sabedores também de que eu sonhava, tanto quanto eles, com a necessidade de reconciliá-los, alguns camaradas vieram buscar-me numa pequena cidade da Rússia central onde eu me encontrava, e propuseram-me partir para a Ucrânia, tomar parte na criação de um movimento unificado, fornecer-lhe um fundo teórico, e desenvolver a tese na imprensa libertária.

Aceitei a proposta. Em novembro de 1918, o movimento anarquista unificado na Ucrânia foi definitivamente posto em ação. Vários agrupamentos formaram-se e enviaram seus delegados à primeira conferência constitutiva que criou a *Confederação Anarquista da Ucrânia Nabat* (*Rebate*, em português). Essa conferência elaborou e adotou em unanimidade uma *Declaração*, proclamando os princípios fundamentais do novo organismo. Ficou decidido que o mais rápido possível essa breve declaração de princípios seria ampliada, completada e comentada na imprensa libertária. Os acontecimentos tempestuosos impediram esse trabalho teórico. A confederação do *Nabat* teve de travar lutas ininterruptas e encarniçadas. Logo foi, por sua vez, *liquidada* pelas autoridades bolcheviques que se instalaram na Ucrânia. Excetuando alguns artigos de jornais, a *Declaração* da primeira conferência do *Nabat* foi e permanecerá a única exposição da tendência unificadora (ou *sintetizadora*) no movimento anarquista russo.

As três idéias mestras que, segundo a *Declaração*, deveriam ser aceitas por todos os anarquistas sérios a fim de unificar o movimento, são as seguintes:

1. Admissão definitiva do princípio *sindicalista*, o qual indica o verdadeiro *método da revolução*

*social.*

2. Admissão definitiva do princípio *comunista* (libertário), o qual estabelece a *base de organização da nova sociedade em formação.*

3. Admissão definitiva do princípio *individualista* – a emancipação total e a felicidade do indivíduo sendo o *verdadeiro objetivo da revolução social e da nova sociedade.*

Ao mesmo tempo em que desenvolveu essas idéias, a *Declaração* tratou de definir claramente a noção da *revolução social* e destruir a tendência de certos libertários que buscam adaptar o anarquismo ao pretenso *período de transição.*

Isso exposto, preferimos, em vez de retomar os argumentos da *Declaração*, desenvolver nós mesmos a argumentação teórica da síntese.

A primeira questão a resolver é a seguinte:

A existência de diversas correntes anarquistas inimigas, em disputa, é um fato *positivo* ou *negativo*? A decomposição da idéia e do movimento libertário em várias tendências que se opõem umas às outras, *favorece* ou, ao contrário, *entrava* os sucessos da concepção anarquista? Se ela é reconhecida favorável, toda discussão é inútil. Se, ao contrário, é considerada nociva, é preciso tirar dessa certeza todas as conclusões necessárias.

A essa primeira questão, respondemos o seguinte:

No início, quando a idéia anarquista ainda era pouco desenvolvida, confusa, foi natural e útil analisá-la sob todos os seus aspectos, decompô-la, examinar a fundo cada um de seus elementos, confrontá-los, opô-los uns aos outros etc. É o que foi feito. O anarquismo foi decomposto em vários elementos (ou correntes). Assim, o conjunto, demasiado geral e vago, foi dissecado, o que ajudou a aprofundar, a estudar a fundo tanto esse conjunto quanto esses elementos. Nessa época, o desmembramento da concepção anarquista foi, então, um fato positivo. O fato de muitas pessoas interessarem-se por diversas correntes do anarquismo, fez com que os detalhes e o conjunto ganhassem com isso em profundidade e precisão. Todavia, em seguida, uma vez realizada essa primeira obra, depois que os elementos do pensamento anarquista (comunismo, individualismo, sindicalismo) foram virados e revirados em todos os sentidos, era preciso pensar em *reconstituir*, com esses elementos bem trabalhados, o *conjunto orgânico* de onde eles provinham. Após uma *análise* fundamental, era preciso retornar (voluntariamente) à benfeiza *síntese.*

Fato estranho: não se pensou mais nessa necessidade. As pessoas que se interessavam por tal dado elemento do anarquismo, *acabaram por substituí-lo pelo conjunto.* Naturalmente, elas logo se viram em desacordo e, enfim, em conflito com aqueles que tratavam *da mesma maneira* outras parcelas da verdade inteira. Assim, em vez de abordar a idéia de  *fusão* dos elementos esparsos (que, tomados separadamente, não mais podiam servir a grande coisa) num conjunto orgânico, os anarquistas empreenderam por longos anos a tarefa estéril de *opor* odiosamente suas *correntes*, umas às outras. Cada um considerava *sua* corrente, *sua* parcela, como *única verdade*, e combatia encarniçadamente os partidários das outras correntes. Desse modo, começou, nas fileiras anarquistas, essa estagnação, caracterizada pela cegueira e pela animosidade mútua, que continua até hoje e que deve ser considerada como *nociva* ao desenvolvimento normal da concepção anarquista.

Nossa conclusão é clara. *O desmembramento da idéia anarquista em várias correntes desempenhou seu papel. Ele não tem mais nenhuma utilidade. Nada mais pode justificá-lo. Ele agora arrasta o movimento para um impasse, causa-lhe prejuízos enormes, não mais oferece – nem pode oferecer – algo de positivo.* O primeiro período – aquele em que o anarquismo buscava-se, precisava-se e

fracionava-se fatalmente nesse trabalho – terminou. Pertence ao passado. Já passou da hora de avançar.

Se a dispersão do anarquismo é atualmente um fato negativo, prejudicial, é preciso procurar pôr fim a essa situação. Trata-se de recordar o conjunto inteiro, juntar os elementos esparsos, reencontrar, reconstruir voluntariamente a síntese abandonada.

Surge então uma outra questão:

Essa síntese é possível atualmente? Não seria uma utopia? Poderíamos fornecer-lhe uma certa base teórica?

Respondemos:

Sim, uma síntese do anarquismo (ou, se preferirem, um anarquismo *sintético*) é perfeitamente possível. Ela não é de modo algum utópica. Fortes razões de ordem teórica falam a seu favor.

Observemos brevemente algumas dessas razões, as mais importantes, em sua conseqüência lógica.

1. Se o anarquismo aspira à vida, se ele conta com um triunfo futuro, se busca tornar-se um elemento orgânico e permanente da vida, uma de suas forças ativas, fecundas, criadoras, então ele deve procurar encontrar-se o mais próximo possível da vida, de sua essência, de sua última verdade. Suas bases ideológicas devem concordar o máximo possível com os elementos fundamentais da vida. Está claro, com efeito, que se as idéias primordiais do anarquismo encontravam-se em contradição com os verdadeiros elementos da vida e da evolução, o anarquismo não poderia ser vital. Ora, o que é a vida? Poderíamos, de algum modo, definir e formular sua essência, apreender e fixar seus traços característicos? Sim, podemos fazê-lo. Trata-se, evidentemente, não de uma fórmula científica da vida – fórmula que não existe –, mas de uma definição mais ou menos clara e justa de sua essência visível, palpável, concebível. Nessa ordem de idéia, a vida é, antes de tudo, *uma grande síntese*: um conjunto imenso e complicado, conjunto orgânico e original, de múltiplos elementos variados.

2. A vida é uma síntese. Quais são então a essência e a originalidade dessa síntese? O essencial da vida é que a maior *variedade* de seus elementos – que se encontram, além de tudo, num *movimento* perpétuo – realiza ao mesmo tempo, e também perpetuamente, uma certa *unidade*, ou melhor, um *certo equilíbrio*. A essência da vida, a essência da síntese sublime, é a tendência constante no sentido do equilíbrio, e, inclusive, da realização constante de um certo equilíbrio, na maior diversidade e num movimento perpétuo (observemos que a idéia de um equilíbrio de certos elementos como sendo a essência biofísica da vida confirma-se por experiências científicas físico-químicas).

3. *A vida é uma síntese*. A vida (o universo, a natureza) é *um equilíbrio* (um tipo de unidade) *na diversidade e no movimento* (ou, se preferirem, *uma diversidade e um movimento em equilíbrio*). Conseqüentemente, se o anarquismo deseja caminhar lado a lado com a vida, se ele busca ser um de seus elementos orgânicos, se ele aspira a concordar com ela e chegar a um verdadeiro resultado, em vez de encontrar-se em oposição com ela para ser, enfim, rejeitado, ele deve, sem renunciar à diversidade nem ao movimento, realizar também, e sempre, o equilíbrio, a síntese, a unidade.

Todavia, não basta afirmar que o anarquismo *pode* ser sintético: ele *deve* sê-lo. A síntese do anarquismo não é apenas possível, não é apenas desejável: é *indispensável*. Conquanto conservando a diversidade viva de seus elementos, ainda que evitando a estagnação, aceitando o movimento – condições essenciais de sua vitalidade – o anarquismo deve buscar, ao mesmo tempo, o equilíbrio

nessa diversidade e nesse próprio movimento.

A diversidade e o movimento sem equilíbrio, é o caos. O equilíbrio sem diversidade nem movimento, é a estagnação, a morte. *A diversidade e o movimento em equilíbrio, tal é a síntese da vida.* O anarquismo deve ser variado, móvel e, ao mesmo tempo, equilibrado, sintético, unido. Caso contrário, ele não será vital.

4. Observemos, enfim, que a verdadeira substância da diversidade e do movimento da vida (e, assim, da síntese) é *a criação*, quer dizer, a produção constante de novos elementos, de novas combinações, de novos movimentos, de um novo equilíbrio. A vida é uma diversidade *criadora*. A vida é um *equilíbrio numa criação ininterrupta*. Conseqüentemente, nenhum anarquista poderia sustentar que sua corrente é a verdade única e constante, e que todas as outras tendências no anarquismo são absurdas. Ao contrário, é absurdo que um anarquista deixe-se engajar no impasse de uma única pequena *verdade, a sua*, e que esqueça, assim, a grande verdade real da vida: a criação perpétua de novas formas, de novas combinações, de uma síntese constantemente renovada.

A síntese da vida não é estacionária: ela cria, modifica constantemente seus elementos e suas relações mútuas.

O anarquismo busca participar, nos campos que lhe são acessíveis, dos atos criadores da vida. Conseqüentemente, ele deve ser, nos limites de sua concepção, amplo, tolerante, sintético, encontrando-se ao mesmo tempo em movimento criador.

O anarquista deve observar atentamente, com perspicácia, todos os elementos sérios do pensamento e do movimento libertário.

Longe de abismar-se num único elemento qualquer, ele deve buscar o equilíbrio e a síntese de todos esses elementos dados.

Ele deve, além do mais, analisar e controlar constantemente sua síntese, comparando-a com os elementos da própria vida, a fim de estar sempre em perfeita harmonia com essa última. Com efeito, a vida não permanece imóvel, ela muda. E, em conseqüência, o papel e as relações mútuas de diversos elementos da síntese anarquista não permanecerão sempre os mesmos: em diversos, será ora um, ora o outro desses elementos que deverá ser ressaltado, apoiado, posto em ação.

Algumas palavras sobre a *realização concreta* da síntese.

1. Nunca devemos esquecer que a realização da revolução, que a criação das novas formas da vida incumbirão não a nós, anarquistas isolados ou agrupados ideologicamente, mas *às vastas massas populares* que, só elas, poderão realizar essa imensa tarefa destrutiva e criadora. Nosso papel, nessa realização, limitar-se-á àquele de um fermento, de um elemento de apoio, de conselho, de exemplo. Quanto às formas nas quais esse processo realizar-se-á, só podemos entrevê-las muito aproximativamente. É de fato inoportuno brigarmos por detalhes, em vez de prepararmo-nos, com um ímpeto comum, para o futuro.

2. Não é menos inoportuno reduzir toda a imensidão da vida, da revolução, da criação futura, a pequenas idéias de detalhe e a disputas mesquinhas. Diante das grandes tarefas que nos aguardam, é ridículo, é vergonhoso ocuparmo-nos com essas mesquinhas. Os libertários deverão unir-se sobre a base da síntese anarquista. Eles deverão criar um movimento anarquista unido, inteiro, vigoroso. Enquanto não o tiverem criado, permanecerão fora da vida.

Em que formas concretas poderíamos prever a reconciliação, a unificação dos anarquistas e, em

seguida, a criação de um movimento libertário unificado?

Devemos ressaltar, antes de tudo, que nós não nos representamos essa unificação como uma reunião *mecânica* dos anarquistas de diversas tendências, numa espécie de campo heteróclito onde cada um permaneceria em sua posição intransigente. Tal unificação seria não uma síntese, mas um caos. É verdade, uma simples aproximação amigável dos anarquistas de diversas tendências e uma tolerância maior em suas relações mútuas (cessação de polêmica violenta, colaboração em publicações anarquistas, participação nos mesmos organismos ativos, etc., etc.) seriam um grande passo à frente em relação ao que se passa atualmente nas fileiras anarquistas. Entretanto, consideramos essa aproximação e essa tolerância apenas como *o primeiro passo rumo à criação da verdadeira síntese anarquista e de um movimento libertário unificado*. Nossa idéia da síntese e da unificação vai muito mais longe. Ela prevê algo de mais longe. Ela prevê algo de mais fundamental, mais *orgânico*.

Creemos que a unificação dos anarquistas e do movimento libertário deverá prosseguir, paralelamente, em dois sentidos, notadamente:

Iniciando de imediato um trabalho teórico buscando conciliar, combinar, sintetizar nossas diversas idéias que parecem, à primeira vista, heterogêneas. É necessário encontrar e formular nas diversas correntes do anarquismo, de um lado, tudo o que deve ser considerado falso, não coincidindo com a verdade da vida e devendo ser rejeitado; e, por outro lado, tudo o que deve ser constatado como sendo justo, apreciável, admitido. É preciso, em seguida, combinar todos esses elementos justos e de valor, criando com eles um conjunto sintético (é sobretudo nesse primeiro trabalho preparatório que a aproximação dos anarquistas de diversas tendências e sua tolerância mútua poderiam ter a grande importância de um primeiro passo decisivo). E, enfim, esse conjunto deverá ser aceito por todos os militantes sérios e ativos do anarquismo como base da formação de um organismo libertário unido, cujos membros estarão de acordo sobre um conjunto de teses fundamentais aceitas por todos.

Já citamos o exemplo concreto de tal organismo: a confederação *Nabat*, na Ucrânia. Acrescentemos aqui ao que já dissemos mais acima, que a aceitação por todos os membros do *Nabat* de certas teses comuns não impediam de forma alguma os camaradas de diversas tendências de apoiar, sobretudo em sua atividade e sua propaganda, as idéias que lhes eram caras. Assim, uns (os sindicalistas) ocupavam-se sobretudo com problemas concernindo o método e a organização da revolução; os outros (comunistas) interessavam-se de preferência pela base econômica da nova sociedade; os terceiros (individualistas) faziam sobressair especialmente as necessidades, o valor real e as aspirações do indivíduo. Mas a condição obrigatória de ser aceito no *Nabat* era a admissão de todos os três elementos como partes indispensáveis do conjunto e a renúncia ao estado de hostilidade entre as diversas tendências. Os militantes estavam, portanto, unidos de um modo *orgânico*, pois todos aceitavam um certo conjunto de teses fundamentais. É assim que nós nos representamos a unificação concreta dos anarquistas sobre a base de uma síntese das idéias libertárias teoricamente estabelecida.

Simultânea e paralelamente ao dito trabalho teórico, deverá criar-se *a organização unificada* sobre a base do anarquismo compreendido sinteticamente.

Para terminar, ressaltemos mais uma vez que nós não renunciemos de modo algum à diversidade das idéias e das correntes no seio do anarquismo. Todavia, há diversidade e diversidade. Essa, notadamente, que existe hoje em nossas fileiras, é um mal, é o caos. Consideramos sua manutenção como um gravíssimo erro. Somos da opinião que a variedade de nossas idéias não poderá ser e não será um elemento progressivo e fecundo senão no seio de um movimento *comum*, de um organismo unido edificado sobre a base de certas teses gerais admitidas por todos os membros e sobre a

aspiração a uma síntese.

É apenas na ambiência de um ímpeto comum, é somente nas condições de buscas de teses justas e de sua aceitação, que nossas aspirações, nossas discussões e mesmo nossas disputas terão valor, serão úteis e fecundas (era precisamente assim no *Nabat*). Quanto às disputas e às polêmicas entre capelinhas pregando cada uma *sua* verdade única, elas só poderão resultar na continuação do caos atual, das querelas intestinas intermináveis e da estagnação do movimento.

É preciso discutir *esforçando-se para encontrar a unidade fecunda*, e sem impor a qualquer preço *sua* verdade contra a do outro. Só a discussão do primeiro tipo leva à verdade. Quanto à outra discussão, ela só leva à hostilidade, às vãs querelas e à derrocada.

Volin, *L'Encyclopédie Anarchiste*, 1934.

\* Tradução: Plínio A. Coêlho

\* Digitalização: Rafaela C. G.

# A SÍNTESE ANARQUISTA

## Sébastien Faure

### AS TRÊS CORRENTES ANARQUISTAS

Na França, como na maior parte dos países, distinguem-se três grandes correntes anarquistas que podem ser designadas da seguinte forma:

- o anarco-sindicalismo,
- o comunismo libertário,
- o anarco-individualismo.

Era natural e fatal que, chegado a um certo desenvolvimento, uma idéia tão ampla como o anarquismo conduzisse a essa tripla manifestação de vida.

Um movimento filosófico e social, ou seja, de idéia e de ação, que propõe fazer tabula rasa de todas as instituições autoritárias, deveria necessariamente dar lugar a essas distinções que determinam obrigatoriamente a variedade de situações, de meios e de temperamentos, a diversidade de fontes da qual bebem as inumeráveis formações individuais e a prodigiosa multiplicidade de acontecimentos.

Anarco-sindicalismo, comunismo libertário e anarco-individualismo; estas três correntes existem e nada nem ninguém pode impedi-las. Cada uma delas representa uma força que não é possível nem desejável derrubar. Para convencer-se disso, basta situar-se no próprio coração do gigante esforço para terminar de arruinar o princípio da autoridade. Assim é possível ter consciência do papel indispensável que, no combate a ser travado, desempenha cada uma dessas três correntes.

### AS TRÊS CORRENTES SÃO DISTINTAS, MAS NÃO OPOSTAS

Agora tenho três questões a apresentar:

A primeira vai dos anarco-sindicalistas aos comunistas libertários e aos anarco-individualistas. A segunda vai dos comunistas libertários aos anarco-sindicalistas e aos anarco-individualistas. A terceira vai dos anarco-individualistas aos anarco-sindicalistas e aos comunistas libertários.

Eis aqui a primeira. “Considerado como movimento social e ação popular, o anarquismo, quando perante a hora em que, inevitavelmente, defrontará com o mundo capitalista e autoritário a investida decisiva que expressamos com estas palavras – Revolução Social – poderá prescindir da participação das massas que, no terreno do trabalho, as organizações sindicais agrupam em seu seio?”

Creio que seria uma loucura esperar a vitória sem a participação na revolta libertadora – participação ativa, eficaz, extraordinária e persistente – dessas massas trabalhadoras, mais interessadas do que ninguém na transformação social.

Não digo nem penso que, sabendo da necessária colaboração, no período de fermentação e de ação revolucionárias, as forças sindicalistas e as forças anarquistas, umas e outras, deverão unir-se a partir de agora, associar-se, confundir-se, formar um todo homogêneo e compacto. Mas penso e digo como meu velho amigo Malatesta:

“Os anarquistas devem reconhecer a utilidade e a importância do movimento sindical,

devem favorecer seu desenvolvimento e fazer dele uma das alavancas de sua ação, fazendo todo o possível para que este movimento, em cooperação com outras forças progressistas existentes, conduza a uma revolução social que leve à supressão das classes, à liberdade total, à igualdade, à paz e à solidariedade entre todos os seres humanos. Mas seria uma grande e funesta ilusão crer, como muitos o fazem, que o movimento operário chegará por si mesmo, como consequência de sua própria natureza, a uma revolução deste tipo. Ao contrário: em todos os movimentos fundados sobre interesses materiais e imediatos (e um grande movimento operário não pode ser estabelecido sobre outros fundamentos) se lhes falta o fermento, o impulso, o trabalho acertado de homens de idéias que combatem e se sacrificam por um ideal futuro, se lhes falta tudo isso, os movimentos tenderão fatalmente a adaptar-se às circunstâncias, fomentar o espírito conservador e o medo das transformações naqueles que buscam melhorar suas condições, terminando, muitas vezes, por criar novas classes privilegiadas e servindo para sustentar e consolidar o sistema que deveriam derrubar.

Daí a necessidade urgente de organizações propriamente anarquistas que, tanto de dentro quanto de fora dos sindicatos, lutem pela realização total do anarquismo e tratem de esterilizar todos os germes da corrupção e da reação.”[1]

Não se trata de ligar organicamente o movimento anarquista ao movimento sindicalista; não é questão de atuar, tanto dentro como fora dos sindicatos, em favor da realização total do ideal anarquista.

E eu pergunto aos comunistas libertários e aos anarco-individualistas: que razões de princípio ou de fato, razões essenciais, podem opor a um anarco-sindicalismo assim concebido e praticado? Esta é a segunda questão.

“Inimigo irredutível da exploração do homem pelo homem, gerada pelo regime capitalista, e da dominação do homem pelo homem, propiciada pelo Estado, pode o anarquismo conceber a supressão efetiva e total da primeira sem a supressão do regime capitalista e o estabelecimento da propriedade coletiva (o comunismo libertário) dos meios de produção, de transporte e de troca? E pode conceber a abolição total da segunda sem a abolição definitiva do Estado e de todas as instituições que dele se desprendem?”

E pergunto aos anarco-sindicalistas e aos anarco-individualistas: quais são as razões de princípio ou de fato, razões fundamentais, que podem opor a um comunismo libertário assim concebido e praticado? Esta é a terceira questão.

“O anarquismo – por ser, de um lado, a expressão maior e mais pura da reação do indivíduo contra a opressão política, econômica e moral que fazem pesar sobre ele todas as instituições autoritárias e, por outro, a afirmação mais firme e precisa do direito de todo indivíduo ao seu desenvolvimento integral pela satisfação de suas necessidades em todos os sentidos – pode conceber a realização efetiva e total desta reação e desta afirmação por um meio melhor que o de uma cultura individual criada dentro do possível no seio de uma transformação social, quebrando todas as engrenagens da repressão?”

E eu pergunto aos anarco-sindicalistas e aos comunistas libertários: quais são as razões de princípio ou de fato, razões fundamentais, que podem opor a um anarco-individualismo assim concebido e praticado? Essas três correntes estão chamadas a se combinar.

## **A SÍNTESE ANARQUISTA**

De tudo o que precede e, especialmente, das três questões anteriores, resulta que:

1. Essas três correntes – anarco-sindicalismo, comunismo libertário e anarco-individualismo – correntes distintas, mas não contraditórias, não têm nada que as faça irreconciliáveis, nada que as faça oporem-se substancialmente, nada que proclame sua incompatibilidade, nada que as impeça de viver entendendo-se bem, de combinarem-se para uma propaganda e uma ação comuns.
2. A existência dessas três correntes não somente não poderia, de nenhuma maneira nem em nenhum grau, prejudicar o anarquismo – movimento filosófico e social concebido, como convém, em todo seu esplendor – mas, além disso, pode, e logicamente deve, contribuir com a força do conjunto do anarquismo.
3. Cada uma dessas correntes tem seu lugar assinalado, seu papel, sua missão no seio do movimento social amplo e profundo que, sob o nome de “anarquismo”, tem por objeto a instauração de um meio social que assegure a todos e a cada um o máximo de bem-estar e de liberdade.
4. Nessas condições, o anarquismo pode assemelhar-se ao que, em química, se chama elemento composto, ou seja, um corpo formado pela combinação de vários elementos. Esse elemento composto está constituído pela combinação desses três elementos: o anarco-sindicalismo, o comunismo libertário e o anarco-individualismo. Sua fórmula química poderia ser AS.2, CL.2, AI.2. Conforme os acontecimentos, os meios, as múltiplas fontes de que se nutrem as correntes que compõem o anarquismo, a dose desses três elementos variará. Analisando-os, a experimentação revela essas doses; na síntese, o elemento composto se aprimora. A fórmula pode alcançar proporções variáveis; local, regional, nacional ou internacionalmente. Mas sempre esses três elementos – anarco-sindicalista, comunista libertário e anarco-individualista – estão feitos para combinarem-se e constituir o que eu chamo de “síntese anarquista”.

Como é possível que a existência dessas três correntes tenha debilitado o movimento anarquista?

Com minha demonstração chegando a este ponto, deve-se perguntar como pode ser que, nestes últimos anos, sobretudo e especialmente na França, a existência desses três elementos anarquistas, longe de ter fortalecido o movimento libertário, tenha resultado em seu enfraquecimento.

E este problema, apresentado em termos claros, tem que ser estudado e resolvido de maneira igualmente límpida. A resposta é fácil, mas exige da parte de todos grande lealdade.

Eu digo que não é a existência desses três elementos – anarco-sindicalismo, comunismo libertário e anarco-individualismo – que tem causado a debilidade ou, mais exatamente, o enfraquecimento relativo do pensamento e da ação anarquistas, mas unicamente a posição que uns e outros têm tomado em relação aos demais: posição de guerra aberta, encarniçada, implacável.

Cada fração, no curso desses nefastos enfrentamentos, tem empregado a mesma má vontade. Cada uma planejando deturpar as teses das outras duas, para ridicularizar suas afirmações e negações, para exagerar ou atenuar as linhas essenciais até fazer delas uma caricatura odiosa. Cada tendência tem dirigido contra as outras as manobras mais pífidas e tem se servido das armas mais mortíferas.

Se a falta de um acordo entre elas – ao menos se tivessem guerreado com menos raiva umas contra as outras – se a atividade empregada em lutar tivesse sido destinada a batalhar, ainda que separadas, contra o inimigo comum, o movimento anarquista deste país teria adquirido, com a ajuda das circunstâncias, uma amplitude considerável, uma força surpreendente.

Mas a guerra intestina, de tendência contra tendência, muitas vezes inclusive de caráter pessoal, tem

envenenado tudo, tem corrompido, viciado, esterilizado; inclusive as campanhas, que deveriam ter agrupado em torno de nossos ideais os corações e consciências desprovidos de liberdade e de justiça que são, principalmente nos meios populares, muito menos raros do que se desejaria.

Cada corrente tem cuspidado, babado e vomitado em suas correntes vizinhas, com a finalidade de sujá-las e fazer crer que a única limpa é a sua.

E ante esse lamentável espetáculo de divisões e atuações odiosas – que suscitavam de uma parte a outra nossos grupos – tanto uns como outros se vêm se esvaziando do melhor de seu conteúdo e suas forças têm se esgotado umas contra outras ao invés de unirem-se na batalha a ser travada contra o inimigo comum: o princípio da autoridade. Essa é a única verdade.

## **O MAL E O REMÉDIO**

O mal é grande: pode e deve ser só passageiro, e o remédio está a nosso alcance. Quem tiver lido as linhas precedentes atentamente, e sem tomar partido, adivinhará sem esforço: o remédio consiste em imbuir-se da idéia da síntese anarquista e aplicá-la o quanto antes e o melhor possível.

De que sofre o movimento anarquista? Da guerra que travam entre si os três elementos que o compõem. Se por sua origem, caráter, métodos de propaganda, organização e ação, estes elementos se vêm condenados a enfrentar-se, a solução que proponho não serve para nada; seria inaplicável; seria inoperante; esqueçamos de empregá-la e busquemos outra.

Se, pelo contrário, a oposição não existe e, com mais razão, se os elementos – anarco-sindicalista, comunista libertário e anarco-individualista – estão feitos para combinarem-se e formar uma espécie de síntese anarquista, teremos de tentar sua realização, não amanhã, mas hoje.

Não descobri nem proponho nada novo: Luigi Fabbri e outros companheiros russos (Volin, Flechin, Mollie Steimer) com quem tenho conversado muito estes dias, me confirmaram que essa tentativa de realização foi levada a cabo na Itália, no seio da União Anarquista Italiana, e na Ucrânia, no seio da Nabat, e que essas duas tentativas deram os melhores resultados, que somente foram interrompidas pelo triunfo do fascismo na Itália e a vitória do bolchevismo na Ucrânia.

Na França existem, como um pouco por todas as partes, numerosos grupos que já aplicaram e aplicam correntemente os fundamentos da síntese anarquista (não vou citar nenhum para não esquecer de ninguém), grupos em que os anarco-sindicalistas, comunistas libertários e anarco-individualistas trabalham em harmonia, e estes grupos não são os menos numerosos nem os menos ativos.

Estes fatos (e poderia citar outros) demonstram que a aplicação da síntese é possível. Não digo nem penso que isso possa ser feito sem lentidão nem dificuldades. Como tudo que é novo, esbarrará na incompreensão, na resistência e inclusive na hostilidade. Se tivermos que nos manter impassíveis, nos manteremos; se tivermos que resistir às críticas e às más intenções, resistiremos. Estamos conscientes que a solução está aí e estamos seguros que, cedo ou tarde, os anarquistas a enxergarão. Por isso, não nos deixaremos desanimar.

O que, em circunstâncias memoráveis, se fez na Itália, na Espanha ou na Ucrânia, o que foi feito em várias localidades da França, poderá fazer-se e, sob o estímulo dos acontecimentos, se fará em todo o país.

**Nota do revisor:**

1. Ajustei este trecho de acordo com o original de Malatesta, publicado na compilação “Los Anarquistas y los Movimientos Obreros” apresentada em: Vernon Richards. *Malatesta: Pensamiento y Acción Revolucionarios*. Buenos Aires: Anarres, 2007. O trecho citado é um excerto publicado originalmente em *Il Risveglio*, 1–15 de outubro de 1927.

\* Tradução: Victor Calejon

\* Revisão: Felipe Corrêa

# O PROBLEMA ORGANIZACIONAL E A IDÉIA DE SÍNTESE

## O Grupo dos Anarquistas Russos no Estrangeiro (*Dielo Truda*)

Vários camaradas exprimiram-se, nas colunas de *Dielo Truda*, sobre a questão dos princípios e da forma da organização anarquista.

Nem todos abordaram o problema do mesmo modo. O fundo dessa questão, assim como foi exposto pela redação de *Dielo Truda*, consistia no que se segue.

Nós, anarquistas, que agimos e combatemos pela emancipação do proletariado, devemos pôr um fim, custe o que custar, à dispersão e à desorganização reinante em nossas fileiras, que destroem nossas forças e nossa obra libertária.

A via para isso é a criação de uma organização que talvez não reunisse todos os militantes ativos do anarquismo, mas seguramente a maioria deles, tendo por base posições teóricas e táticas determinadas e conduzir-nos-ia a um sólido entendimento em relação à sua aplicação prática.

É evidente que a abordagem dessa questão deve ir de par com a elaboração de posições teóricas e táticas, que se tornariam a base, a plataforma dessa organização. Pois de nada adiantará falar da necessidade de organizar nossas forças — isso não resultará em nada — se não ligarmos a idéia dessa organização a posições teóricas e táticas determinadas.

O Grupo dos Anarquistas Russos no Estrangeiro nunca perdeu de vista essa última questão. Em uma série de artigos publicados em *Dielo Truda*, seu ponto de vista já foi parcialmente exprimido quanto aos pontos importantes do programa: as relações do anarquismo com a luta de classes dos trabalhadores, com o sindicalismo revolucionário, com o período de transição etc.

Nossa tarefa ulterior será formular claramente todas essas principais posições, depois, apresentar o conjunto em uma plataforma de organização, mais ou menos completa, e que servirá de fundamento à união de um bom número de militantes e de grupos, em uma única e mesma organização. Esta última servirá, por sua vez, de ponto de partida para uma fusão mais completa das forças do movimento anarquista.

Eis, pois, a via que tomamos para resolver o problema organizacional. Não temos a intenção de proceder, nessa ocasião, a um questionamento total dos valores ou elaborar algumas novas posições. Consideramos que tudo o que é necessário à construção de uma organização, repousando sobre uma dada plataforma, encontra-se no Comunismo Anarquista, que prega a luta de classes, a igualdade e a liberdade de cada trabalhador, e realiza-se na Comuna anarquista.

Os camaradas, partidários da idéia de uma síntese teórica das diferentes correntes do anarquismo, têm uma abordagem do problema organizacional completamente diferente. É lamentável que sua concepção seja tão fracamente exprimida e elaborada, e, por isso, é difícil fazer dela uma crítica exaustiva. O fundamento dessa concepção é o que apresentamos a seguir.

O anarquismo está dividido em três correntes: o comunismo anarquista, o anarco-sindicalismo e o anarquismo individualista. Conquanto cada uma dessas correntes tenha características particulares, todas as três são tão aparentadas e próximas umas das outras que elas não existem separadamente senão graças a um mal-entendido artificial.

Para engendrar um movimento anarquista forte e poderoso, sua fusão completa é necessária. Essa fusão implica, por sua vez, uma síntese *teórica e filosófica* das doutrinas sobre as quais cada uma das correntes está fundada. É só após a síntese teórica dessas doutrinas que se abordará a estrutura e as formas de uma organização que represente essas três tendências. Eis, portanto, o conteúdo dessa concepção da síntese tal como foi expressida na “Declaração Sobre o Trabalho Comum dos Anarquistas”, e em alguns artigos do camarada Volin, publicados em *Le Messenger Anarchiste* e em *Dielo Truda* (números 7, 8 e 9). Estamos em total desacordo com essa idéia. Sua insuficiência salta aos olhos.

Inicialmente, por que essa divisão arbitrária do anarquismo em três tendências? Há outras. Citemos, por exemplo, o anarquismo cristão, o associacionismo, o qual, diga-se de passagem, é mais próximo do anarquismo comunista do que do anarquismo individualista. Em seguida, em que consistem exatamente as divergências “*teóricas e filosóficas*” das três tendências indicadas, se é preciso fazer sua síntese?

De início, antes de falar da síntese teórica do comunismo, do sindicalismo e do individualismo, seria necessário analisar essas correntes. A análise teórica não tardaria a mostrar a que ponto é incoerente e absurdo querer sintetizar essas correntes. Com efeito, falar da “síntese do comunismo e do sindicalismo” não significa opô-los, em certa medida, um ao outro? Muitos anarquistas sempre consideraram o sindicalismo como uma das formas do movimento revolucionário proletário, como um dos meios de luta emprestado pela classe operária combatendo por sua emancipação.

Consideramos o Comunismo como o objetivo do movimento liberador das classes laboriosas.

Pode-se, pois, opor o objetivo ao meio? Só o pensamento desgarrado de um intelectual diletante, ignorando a história do pensamento comunista anarquista, para poder justapô-los e querer fazer deles uma síntese.[1]

Quanto a nós, bem sabemos que o comunista anarquista sempre foi sindicalista no sentido de que ele considerava a existência e o desenvolvimento das organizações profissionais independentes como uma condição necessária para a vitória social dos trabalhadores.

Assim, podia tratar-se, e realmente se tratava, não da síntese teórica do comunismo e do sindicalismo, mas do lugar que devia ocupar o sindicalismo na tática do comunismo anarquista e na revolução social dos trabalhadores.

A insuficiência teórica dos partidários da síntese é ainda mais pronunciada quando eles querem fazer a síntese entre o comunismo e o individualismo.

Em que, de fato, consiste o anarquismo dos individualistas? A noção de liberdade do indivíduo? Mas de qual “individualidade” se trata? Da individualidade em geral ou daquela oprimida do trabalhador?

Não há “individualidade em geral”, pois, de todo modo, todo indivíduo encontra-se, objetiva ou subjetivamente, na esfera do trabalho ou, então, naquela do capital. Mas essa concepção não é inerente ao comunismo anarquista? Digamos, inclusive, que a liberdade do indivíduo, como trabalhador, não pode receber sua realização completa senão na sociedade comunista anarquista que se ocupará escrupulosamente da solidariedade social, bem como do respeito dos direitos do indivíduo.

A comuna anarquista, no que se refere às relações sociais e econômicas, é o modelo mais apto a

contribuir para o desenvolvimento da liberdade do indivíduo. O comunismo anarquista não é um quadro social rígido e imóvel que, uma vez realizado, cristaliza-se e interrompe o desenvolvimento do indivíduo. Ao contrário, sua organização social flexível e móvel desenvolver-se-á ao complicar-se e aperfeiçoar-se incessantemente, de modo que a liberdade do indivíduo cresça sem entraves.

O antiestatismo aparece, igualmente, como um dos princípios fundamentais do anarquismo comunista. Além disso, ele tem um conteúdo e uma expressão reais.

O anarquismo comunista rejeita o estatismo em nome da independência social e da autogestão das classes laboriosas. Quanto ao individualismo, em nome de que ele nega o Estado? Quando ele nega! Alguns teóricos individualistas defendem o direito à propriedade privada, tanto nas relações pessoais como nas relações econômicas. Mas aí, onde existem os princípios da propriedade privada e da acumulação pessoal, nasce inevitavelmente uma luta de interesses econômicos, uma estrutura estatista criada pelos mais fortes economicamente.

O que resta, então, do anarquismo individualista? A negação da luta de classes, do princípio de uma organização anarquista tendo por objetivo a livre sociedade de trabalhadores iguais; e, por sinal, as vãs verborragias que propõem aos trabalhadores descontentes com sua sorte defender-se por soluções pessoais das quais eles disporiam como indivíduos emancipados.

Mas o que há de anarquista em tudo isso? Onde encontramos aqui os elementos que devem ser sintetizados com o comunismo? Toda essa filosofia nada tem a ver com a teoria ou com a prática anarquistas; e é improvável que um operário anarquista queira conciliar-se com essa “filosofia”.

Vemos, assim, que a análise das tarefas teóricas da síntese conduz-nos a um impasse. Os mesmos resultados surgem quando consideramos o aspecto prático da questão. Das duas coisas uma:

› Ou as tendências mencionadas continuam a ser *tendências* independentes, então, como elas poderão desenvolver sua atividade em uma *organização comum*, cuja finalidade consiste justamente em conciliar a atividade dos anarquistas com um entendimento preciso?

› Ou, então, essas tendências devem perder seus aspectos específicos e, fundindo-se, dar origem a uma nova tendência que não será nem comunista, nem sindicalista, nem individualista... Mas, nesse caso, quais serão suas posições fundamentais e suas características?

Pensamos que a idéia de síntese repousa em um desgarre total, uma má compreensão do fundamento das três tendências, que os partidários da síntese querem fundir em uma única.

A tendência central, a coluna vertebral do anarquismo é constituída pelo anarquismo comunista. O anarco-individualismo é sobretudo um fenômeno filosófico-literário, e não um movimento social. Ocorre bem amiúde que este último interesse-se pela política e acabe no modo burguês (Tucker e outros individualistas).

O que é enunciado mais acima não significa absolutamente que somos contra um trabalho comum dos anarquistas de diversas tendências. Muito pelo contrário. Só temos a saudar toda aproximação dos anarquistas revolucionários na *prática*.

Entretanto, isso pode ser realizado praticamente, concretamente, por meio de criação de ligações entre as organizações, já formadas e reforçadas. Neste caso, teremos simplesmente de cuidar de *tarefas práticas* determinadas, sem necessitar de qualquer síntese e, inclusive, excluindo-a.

Mas pensamos que, quer os anarquistas elucidarão o fundamento — a essência do comunismo

anarquista —, quer se colocarão de acordo sobre esses princípios e construirão, sobre essa base, uma organização geral que se tornará diretriz, tanto nos problemas sociopolíticos quanto no campo das questões sindical-profissionais.

Por conseqüência, não ligamos, em nenhum caso, o problema organizacional com a idéia da síntese. Para sua resolução, não há razão para lançar-se em teorizações brumosas e esperar resultados disso. O material acumulado pelo anarquismo durante os anos de seu processo vital e de sua luta social basta amplamente. É apenas necessário levar em conta isso, aplicando-o às condições e às exigências da vida, para construir uma organização responsável.

O Grupo dos Anarquistas Russos no Estrangeiro.

A redação de *Dielo Truda*.

*Dielo Truda*, nº 10, março de 1926.

**Nota:**

1. Trata-se de Volin. (N.T.Fr.)

*Traduzido do russo ao francês por Alexandre Skirda, e do francês ao português por Plínio Augusto Coêlho. Revisado por Felipe Corrêa, com o importante auxílio de Nestor McNab (que nos ajudou com sua tradução ao italiano, algumas referências aos originais russos e com quem discutimos as dúvidas).*